

Piracicaba, 08 de julho de 2003.

PRODUZIR CARNE BOVINA FICA 7% MAIS CARO NO SEMESTRE

Produzir carne bovina ficou, em média, 7% mais caro no primeiro semestre para pecuaristas de seis estados que respondem por 52,5% do rebanho efetivo do País – considerando-se apenas os custos efetivos da atividade (COE). Quando considerada a depreciação de todos os bens envolvidos na produção (Custos Operacionais Totais – COT), o aumento do custo é um pouco menor, de 6,9%. Isso indica que os preços de insumos como medicamentos, vacinas e suplementação mineral, despendidos mensalmente, subiram um pouco mais que a média dos preços dos bens que compõem o inventário de uma propriedade. Para agravar a situação desses produtores, no mesmo período, o preço médio interno recebido pela arroba do boi gordo caiu 6,7% e a competitividade internacional da carne brasileira também recuou por conta da valorização de 4% do real frente ao dólar.

Grosso modo, a produção pecuária sofreu no primeiro semestre uma inflação maior que a média da economia, tendo em vista que até maio os acumulados tanto do IGP-DI quanto do IPC estavam abaixo de 5,5% e dificilmente ultrapassariam a casa do 7% quando somados os índices de junho.

As maiores elevações do custo foram registradas nos primeiros meses do ano, ao passo que em maio e junho, a maioria dos estados registrou diminuições, ainda que pequenas. Em junho, também a arroba do boi voltou a subir, confirmando o movimento sazonal dos preços que, tradicionalmente, alcançam os maiores valores no segundo semestre.

Essas análises se referem aos estados de São Paulo, Mato Grosso do Sul, Mato Grosso, Goiás, Pará e Rondônia, pesquisados até o momento pelo Cepea em parceria com a CNA. Juntas, essas regiões abrangem 52,5% do rebanho efetivo nacional, segundo dados do IBGE (2001). Está prevista a inclusão de Minas Gerais, Paraná e Rio Grande do Sul, quando a pesquisa mensal de custo de produção abrangerá 77,5% do rebanho nacional.

O principal responsável pelos aumentos de custos tem sido o sal mineral, que representa mais de 20% das despesas mensais da pecuária de corte (COE). Adubo e calcário são itens que também pesaram no bolso do produtor. Juntos e associados com outros insumos utilizados na manutenção e recuperação de pastagens, representam cerca de 14% dos dispêndios correntes. Mão-de-obra é outro gasto que preocupa o produtor, podendo representar mais de 25% do custo efetivo da pecuária. Vacinas e materiais para manutenção de cercas também tiveram elevações consideráveis, por volta de 12%, mas ambos têm baixo peso no custo total.

No acumulado do semestre, basicamente só as sementes de forrageiras, medicamentos de controle parasitário e óleo diesel tiveram retrações.

De modo geral, a maioria dos aumentos foi alavancada pela desvalorização cambial, ainda que, no ano, a moeda norte-americana acumule queda de 19,5% frente ao real. Nitidamente, os maiores aumentos de preços dos insumos, no último semestre, ocorreram em abril, quando foram repassados os efeitos da forte desvalorização cambial ocorrida do final de janeiro até início de março, quando o dólar esteve por volta de R\$ 3,60.

Piracicaba, 08 de julho de 2003.

O cenário que o pecuarista enfrenta neste segundo semestre é “difícil”. O consumo interno de carne bovina deve aumentar entre 0,5 e 1% este ano, considerando que a economia nacional cresça entre 1,5 e 2%, e as exportações, que tiveram resultados positivos no primeiro semestre, já se defrontam com o impacto da valorização do real. Convertendo para dólar os preços da arroba do boi negociados para outubro, no mercado futuro, constatam-se, para aquele mês, valores entre US\$ 23,00 e US\$ 24,00. Nesses níveis, e esperando que haja uma valorização da carne no mercado internacional, o produto brasileiro estará competitivo, mas a volatilidade do câmbio e do valor da arroba pode desestabilizar esse frágil equilíbrio.

Com base na evolução dos custos, pode-se ter uma idéia do nível de competitividade da carne brasileira no exterior e da contribuição que a pecuária pode dar para o controle da inflação. É preciso ter em mente que, em longo prazo, as variações de custos de produção devem ser menores ou no máximo iguais às variações dos preços da arroba, caso contrário desestimularão a continuidade de produtores na atividade.

Mais de 70% dos insumos acumulam altas de preços

As variações médias dos principais insumos utilizados na pecuária de corte não foram expressivas no mês de junho. Os preços chegaram a apresentar uma tendência levemente negativa no último mês, favorecendo a atividade pecuária, mas o mesmo não pode ser dito quando a análise é estendida até o mês de janeiro.

No fechamento do primeiro semestre de 2003, com algumas exceções, a oscilação média dos principais grupos de insumos utilizados na pecuária de corte foi positiva. Dos 18 itens avaliados, apenas 5 tiveram variações acumuladas decrescentes, enquanto o restante contribuiu para o acréscimo de 7% dos custos efetivos (COE) e de 6,9% dos totais (COT), calculados para o mesmo período.

Em junho, diminuem preços de insumos e aumentam da arroba

Em junho, pelo segundo mês consecutivo, o conjunto dos principais insumos utilizados na pecuária de corte teve reduções em São Paulo, Mato Grosso do Sul, Mato Grosso e em Goiás. Embora as variações tenham pouco expressivas, elas foram favoráveis aos pecuaristas. Na média ponderada para os seis estados, os insumos mais utilizados na produção tiveram queda de 0,36% enquanto que a arroba do boi subiu 1,54%. Somente Rondônia e Pará tiveram ligeiros aumentos dos custos no último mês, sendo que no Pará os preços do boi acumularam recuo de 0,26% no mês. Em todas as outras regiões, a arroba se valorizou de maio para junho.

Essa relativa estabilidade dos preços dos insumos segue o padrão da economia nacional, depois dos sobressaltos de desvalorização e valorização da moeda nacional verificados nos primeiros meses do ano.

Piracicaba, 08 de julho de 2003.

Relações de Troca

SAL MINERAL: um dos poucos insumos que permitiram ganho de poder de compra do pecuarista

Comparando junho deste ano ao anterior, os pecuaristas tiveram uma melhora na relação de troca de arroba de boi por saca de sal mineral. Em junho de 2002, o produtor tinha que despende 0,63 arroba para comprar um saco de sal mineral, para o mesmo período desse ano, a relação se tornou menor - 0,54 arroba. No acumulado dos doze meses, tanto os preços do sal mineral como da arroba subiram, mas o decréscimo de 14% na relação de troca reflete a ascensão três vezes maior do valor do boi. O sal mineral está atrelado ao dólar, que acumulou alta de 6% no último ano, enquanto o boi variou nominalmente 23%, influenciado pelo mercado interno (inflação de 30%, segundo o IGP -FGV). Embora a variação negativa do dólar tenha sido benéfica nos últimos meses, deve se observar que desde 2000 a relação de troca tem assumido tendência positiva, desfavorável ao produtor.

FERTILIZANTE - Se por um lado o produtor ganhou na compra do sal mineral, na diferença da relação de troca do último ano, a aquisição de insumos para a reforma da pastagem e para a suplementação protéica no inverno estão sendo prejudicadas pela elevação dos preços da uréia pecuária, que no acumulado dos últimos 12 meses apresentou alta de 51%, contra os 23% da arroba do boi. Vale notar que está sendo observada queda nos preços desses insumos nos últimos três meses (abril a junho de 2003), havendo retração de 10%, superior aos 7% do câmbio no período.

MÁQUINAS - Entre as máquinas mais utilizadas na agricultura, o trator 4x2 de 61 HP é uma das que continuam ficando mais caras para o pecuarista. Em junho de 2002, eram necessárias 880 arrobos para comprar um trator com essas especificações, já em junho deste ano são necessárias 1.100 arrobos. Isso implica numa queda de 25% no poder de compra para o produtor no ano, já que o preço do trator elevou-se 48% nos últimos 12 meses. Essa relação negativa tem ocorrido para a maioria das tecnologias hoje adotadas.

Outras informações podem ser obtidas através do Laboratório de Informação do Cepea pelos telefones 19-3429-8837 / 8836 ou pelo e-mail cepea@esalq.usp.br